

**SAÚDE E ESTÉTICA NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA:  
um estudo sobre o tema nas revistas VEJA, ÉPOCA E ISTO É <sup>1</sup>**

AESTHETIC AND HEALTH IN THE MEDIA BRAZILIAN PRINTED:  
a study on the subject in the magazines VEJA, ÉPOCA AND ISTO É

LA ESTÉTICA Y SALUD EN LOS MEDIOS BRASILEÑOS IMPRIMIÓ:  
un estudio en el tema en las revistas VEJA, ÉPOCA Y ISTO É

***Giovani De Lorenzi Pires***

Doutor em Educação Física/UNICAMP.

Professor Adjunto do DEF/Centro de Desportos/UFSC.

Coordenador do LaboMídia/CDS/UFSC.

End. eletr.: [giovanipires@cds.ufsc.br](mailto:giovanipires@cds.ufsc.br).

End. Postal: rua da Acácias, 368 – bairro Carvoeira – CEP 88.040-560 – Florianópolis/SC

***Mellyssa da Costa Mól***

Jornalista e Licenciada em Educação Física pela UFSC

Integrante do Grupo de Estudos *Observatório* da Mídia Esportiva/CDS/UFSC.

End. eletr.: [mel\\_ufsc@yahoo.com.br](mailto:mel_ufsc@yahoo.com.br)

**RESUMO:**

Em julho/2004, Veja, Isto É e Época saíram com matérias de capa relacionadas à saúde e estética corporal. Nosso objetivo foi investigar como isso foi tematizado no discurso midiático. Para interpretação foram utilizadas análise de conteúdo e semiótica. Observou-se que: a) predominam um discurso médico-científico e um subdiscurso, jornalístico, pouco rigoroso; b) as narrativas expressam ambigüidade entre saúde e estética; c) há um apelo ao erotismo: corpos femininos seminus revelam novos contornos corporais.

Palavras-chave: estética, saúde, mídia, educação física

---

<sup>1</sup> Versão preliminar deste estudo foi publicada (MÓL; PIRES, 2005) nos Anais do XIV CONBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte), evento no qual foi apresentado em reunião do GTT nº 2 (Grupo de Trabalho Temático Educação Física, Comunicação e Mídia).

**ABSTRACT:**

In July/2004, the magazines "Veja", "Isto É" and "Época" were published with front-page topic related to health and corporal esthetics. Our objective was to investigate how this subject was approached into the mass media discourse. For the interpretation were utilized analysis of content and semiotics. Have observed that: a) predominate a discourse medic-scientific and a semi discourse, journalistic, little rigorous; b) the narratives express ambiguity between health and esthetics. c) there is an appeal to the eroticism: feminine bodies seminude reveal new corporal expressions.

Key-words: aesthetic, health, media, physical education

**RESUMEN:**

En julio/2004, las revistas "Veja", "Isto É" y "Época" salieron con materias en primer plano relacionadas a la salud y estética corporal. Nuestro objetivo consistió en investigar como esto fue tematizado en el discurso de los medios de comunicación. Para la interpretación fueron utilizados análisis de contenido y semiótica. Se observó que: a) predominan un discurso médico-científico y un sub-discurso, periodístico, poco riguroso; b) las narrativas expresan ambigüedad entre salud y estética; c) hay un apelo al erotismo: cuerpos femeninos semidesnudos revelam nuevos contornos corporales.

Palabras-claves: estético, salud, medios, educación física

**SAÚDE E ESTÉTICA NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA:  
um estudo sobre o tema nas revistas *Veja*, *Época* e *Isto É***

## **I. INTRODUÇÃO**

Em meados de julho de 2004, mais precisamente no final de semana dos dias 17 e 18<sup>2</sup>, chegaram às bancas e assinantes os exemplares de três revistas semanais de circulação nacional, todas elas com matérias de capa, tratando de temas relacionados aos cuidados com a saúde e a estética corporal.

Isso não seria, por si só, uma grande novidade para quem se dedica a observar a profusão de títulos altamente sugestivos disponíveis nas bancas de revistas e jornais cujo enfoque é direcionado à estética corporal e ao *fitness*,, como Boa Forma, Saúde Total, Corpo a Corpo, Estilo de Vida, etc. O que chama a atenção neste caso, além da incrível coincidência de ser assunto de capa em todas e na mesma semana, é o fato de que se tratavam das principais revistas semanais brasileiras: VEJA, ISTO É e ÉPOCA.

Com uma tiragem média somada (não-declarada) próxima de um milhão e meio de exemplares, por elas o cidadão brasileiro classificado como “formador de opinião” toma conhecimento detalhado das principais notícias da semana veiculadas nos telejornais, especialmente nas editorias ditas “nobres”, como política, economia e internacional. Mais do que simplesmente veículos de circulação de informações, as revistas semanais têm se tornado atores importantes do debate público nacional. Foi com a intervenção delas, por exemplo, que caíram os Presidentes da República (Collor de Melo, com a entrevista do motorista Heriberto aquele, que até ganhou emprego em uma delas) e da Câmara dos Deputados (Ibsen Pinheiro, incluído na máfia dos anões do orçamento - recentemente, o autor daquela reportagem reconheceu que houve um “pequeno” erro de alguns milhares de dólares, que havia sido encontrado na conta bancária do deputado).

---

<sup>2</sup> Embora com diferentes datas de capa, todas elas circularam na referida semana.

Foi através delas que, durante oito anos FHC, chamou-nos de *neobobos*, *caipiras*, *fracassomaníacos* e outros adjetivos; e que Lula divulgou seu manifesto de adesão envergonhada ao neoliberalismo, para ser aceito pelo capital especulativo internacional e, assim, eleger-se Presidente da República. Mais recentemente, as revistas semanais têm mantido o fôlego das CPMI's (dos bingos, mensalão, correios), com farto material de denúncia de práticas políticas corruptas do Governo Lula.

Enfim, são as revistas semanais que nos trazem o aprofundamento dos embates políticos cotidianos, e os debates econômicos, pautados há anos pelo FMI. É por elas também que sabemos das fofocas das celebridades momentâneas, porém com uma pretensão de seriedade, pois, afinal, fofoca mesmo é com *Caras*.

Apesar de ser possível identificar, em exemplares anteriores de todas as três revistas, a presença constante de matérias sobre temas ligados à saúde e/ou à estética, o que teria levado essas publicações a optarem por pautar *corpo, saúde e estética* numa mesma semana, e ainda dedicassem suas capas a este tema? Não haveria outros assuntos mais "nobres" na agenda? Talvez não. Matérias destas mesmas edições parecem indicar neste sentido. *Veja*, por exemplo, tratou do "trepidante" embargo argentino à importação de lavaroupas brasileiras; enquanto isso, *Isto É* garantia que o ministro Aldo Rebelo continuaria (?) na coordenação política do Governo Lula Já a *Época*, talvez com saudades dos anos da ditadura, trazia ameaças, nem tão veladas assim, de militares desgostosos com a protelação do aumento dos seus soldos. Neste cenário, o tema saúde/estética corporal termina mesmo acaba sendo uma boa pedida.

A par desta possível pauta pela ausência de temas mais significativos, de nossa parte, como pesquisadores da mídia relacionada a conteúdos e temas da Educação Física, Esporte e Lazer, interessa saber sobretudo como tal assunto foi construído no discurso midiático dessas revistas, sabendo que, ao abordar um tema qualquer, a mídia está colocando-o na pauta cotidiana da classe média, fazendo com que os formadores de opinião passem a

repercutir e emitir opinião a esse respeito. E que esse processo de agendamento pelos meios de comunicação de massa termina chegando, de fato, aos âmbitos de intervenção profissional da Educação Física.

Assim, a seguir apresentamos breve sinopse das três matérias:

## II. AS SINOPSES DAS MATÉRIAS

Revista: **VEJA**, edição: 1862 data de capa: 14/jul/2004  
<[http://veja.abril.uol.com.br/140704/p\\_084.html](http://veja.abril.uol.com.br/140704/p_084.html)> acesso em 08/08/04 <sup>3</sup>

A matéria, da editoria Especial, tem como título "Mudança Radical", pertinente à chamada de capa, "O Milagre da Transformação" é assinada por Pedro Rubens.

Segundo a reportagem, além dos avanços técnicos e da popularização das cirurgias com interesses estéticos, há um "ambiente social favorável", em que as celebridades fazem questão de relatar e apresentar seus novos visuais, que é capitalizado pelas redes e emissoras de televisão, no país e no exterior num novo tipo de *reality show*, como os programas *Extreme Makeover* (ABC) e *I Want a Famous Face* (MTV), além da novela *Metamorphoses* (Rede Record).

Assim, as opiniões em relação às possibilidades de intervenção técnica no corpo aparecem divididas em três correntes: i) os *liberais*, com mentalidade aberta e vaidade suficiente para pequenas correções; ii) os *conservadores*, avessos a qualquer intervenção estética e iii) os *revolucionários*, dispostos a fazer qualquer coisa para se transformar, tornar-se outra pessoa, a partir dos recursos oferecidos pela cirurgia plástica.

Apesar de destacar, timidamente, os perigos destas cirurgias, citando um caso de resultado mal-sucedido (do cantor Marcus Senna, do grupo LS Jack) em nome de sucesso, a



<sup>3</sup> Para esta análise, tivemos acesso apenas à edição *on line*.

reportagem acaba por fazer aberta apologia da satisfação pessoal que tais esforços podem trazer àqueles que desejam mudar seu visual. A reportagem traz ainda informações sobre números brasileiros e mundiais de cirurgias plásticas e apresenta depoimentos de médicos, que tentam explicar a popularização das intervenções cirúrgicas, com quase nenhum alerta para os riscos das cirurgias.

Revista: **ISTO É**, edição: 1815, data de capa: 21/jul/2004

Com um vestidinho estampado com as formas esculturais de um corpo feminino e pendurado por um cabide, a revista *Isto É* tem como chamada de capa: “Dieta para manter a linha no inverno - como evitar as armadilhas dessa época do ano; os truques para cortar calorias sem comprometer os prazeres da mesa; estratégias para não abandonar os exercícios”.

A matéria assinada por Mônica Tarantino e que recebe o título “Muita calma neste inverno”, fala de como uma rotina que inclua hábitos alimentares não muito saudáveis aliados a uma certa preguiça para fazer exercícios físicos, podem comprometer a silhueta durante os períodos mais frios do ano.

O texto da reportagem divide espaço com dicas que prometem evitar que se perca a forma no inverno e com fotos e depoimentos de pessoas que, por conta da mudança de seus hábitos nos dias frios, dizem acabar ganhando um ou outro quilinho e para fugir do problema apresentam rápidas soluções.

Com opiniões de endocrinologistas, nutricionistas e fisiologistas, a matéria é taxativa: o inverno engorda. As explicações para o aumento de peso na estação fria vão desde a sensação do aumento do apetite e a oferta feita pelos restaurantes de guloseimas hipercalóricas típicas do inverno até a diminuição da atividade física constatada pela queda do movimento nas academias.

Mesmo apontando discretamente a possibilidade de se aliar o prazer de comer com a moderação como recurso para a manutenção do peso durante o inverno, manter a dieta e o ritmo da atividade física parece ser, segundo a revista, a receita mais eficaz para quem não quer entrar em guerra contra a balança.



Revista: ÉPOCA, edição: 322, data de capa: 19/julho/2004

“Síndrome da Barriga”. Com este título (no mínimo) curioso e três chamadas na capa, adornando um corpo feminino bem delineado, parcialmente vestido com uma *lingerie* cor da pele (que à primeira vista dá a impressão de nudez), *Época* deu destaque para a discussão sobre os tipos de obesidade e as conseqüências à saúde de cada uma delas. A matéria da editoria “Reportagem de Capa”, assinada pela jornalista Fernanda Ravagnani, contém seis páginas de textos, fotos e quadros explicativos, sob o título *Gordurinhas do Mal*.



A reportagem principia por diferenciar dois tipos de gordura corporal, a *subcutânea* e a *visceral*. Àquela são atribuídas conseqüências maiores no âmbito estético, como a celulite e o “corpo de formato pêra”, com maior concentração de gordura na região das nádegas, culotes e pernas. Por alterar pouco o metabolismo, seus prejuízos à saúde seriam menos perversos. Já a gordura *visceral* é apresentada como a grande vilã, por concentrar-se nas camadas mais profundas da região abdominal, interferir mais no metabolismo e, principalmente, por alterar a produção da insulina.

Estudos relatados na reportagem parecem mostrar que a gordura visceral está ligada à *síndrome metabólica*, conjunto de alterações metabólicas que precede o surgimento de uma série de doenças crônico-degenerativas.

Apesar da produção de fármacos cada vez mais seguros e específicos para cada um dos agravos constituintes da síndrome, a solução ideal apontada pela matéria ainda é a redução do peso corporal, conjugando dieta e exercícios físicos e, em casos mais drásticos, intervenções cirúrgicas de redução do estômago.

### III. SAÚDE E BELEZA NO DEBATE PÚBLICO (POLÍTICO E CIENTÍFICO)

Mundialmente, a preocupação com as questões corporais, na perspectiva da saúde, tem estado presente nos discursos sobre políticas públicas, criando inclusive programas e campanhas como “o ano da atividade física”, o “agita mundo” e outras campanhas que se utilizam massivamente da mídia para seu desenvolvimento.

Nas nações do primeiro mundo, a qualidade de vida da população estaria se deteriorando em função do sedentarismo provocado pelas comodidades tecnológicas colocadas à disposição da maioria dos cidadãos, aliado a hábitos alimentares que privilegiam produtos industrializados e saturados de gordura animal, contribuindo assim para o aumento da obesidade, já com dimensões epidêmicas. Trata-se do fenômeno que a Saúde Coletiva denomina *transição da estrutura epidemiológica*: a prevalência das doenças crônico-degenerativas no hemisfério norte ocidental, desenvolvido e rico, e a permanência dos agravos infecto-contagiosos no subdesenvolvido terceiro mundo<sup>4</sup>.

Mais recentemente, pesquisa da OMS realizada em vários países apontou a presença de características de obesidade também em locais em que a fome e a desnutrição ainda vitimam anualmente um elevado número de crianças e adolescentes. Pesquisa domiciliar do IBGE, recentemente divulgada, destaca o Brasil como exemplo desta concomitância entre obesidade e fome endêmica, o que, inclusive, colocou em xeque o discurso oficial do Fome Zero. Parece-nos, todavia, que se trata apenas de mais uma evidência da tese da *Belíndia*, neologismo cunhado na década de 80, que expressaria a convivência nacional entre uma metade Bélgica com outra metade Índia.

Mais do que o debate governamental, esfera que produz as políticas públicas de enfrentamento de tais questões, vale observar como os temas escolhidos são agendados e divulgados pela mídia, como mediadora de uma relação de mão-dupla entre estado e sociedade. A questão sobre a origem da sua tematização, se decorrente da insatisfação da população ou de diagnósticos elaborados pelo governo, deixa de ser importante quando o assunto é pautado na esfera pública dominada pela mídia (cfe. Habermas, 1984), passando a ser um consenso fabricado – que, talvez por isso, nem sempre resulta em ações efetivas do poder público.

---

<sup>4</sup> Cf. Gonçalves (org.) *et al.*, 1997.



Assim como em outros temas, mas sobretudo na questão da saúde, vários discursos se entrelaçam na mídia, produzindo representações sociais complexas, coletivamente compartilhadas. Estão presentes aí referências ligadas, por exemplo, a estrutura de classes, cujos discursos sobre saúde e doença apresentam diferenças substanciais, assim como possibilidades perversamente iníquas de prevenção, diagnóstico e tratamento dos agravos. Vieses de natureza religiosa também levam a diferenciadas maneiras de compreender e lidar com a doença e o sofrimento, muitas vezes na contramão dos argumentos da racionalidade técnica. Mas na mídia há, sem dúvida, uma predominância do discurso oficial acerca da saúde, notadamente o médico-científico, muitas vezes de difícil compreensão por parte da população.

É aí que entra em pauta uma espécie de decodificação realizada pelos meios de comunicação de massa, para tornar mais compreensivo o palavreado complexo e as posições cautelosas que muitas vezes cercam o discurso médico, o que gera um subdiscurso (ou um novo discurso) midiático, simplificador, quase simplista, muitas vezes pouco rigoroso, e que acaba por se tornar senso comum entre o público leigo (RONDELLI, 1995).

#### **IV. O DISCURSO MIDIÁTICO VISITADO**

Parece ser nesta direção que as publicações em análise se orientam. É comum encontrarmos o conteúdo de trechos de falas de especialistas sendo subsumidos nos parágrafos seguintes por "explicações" complementares do autor da matéria. Ou então elas são utilizadas apenas para dar credibilidade e um certo verniz científico à matéria, em conexões muitas vezes forçadas e pouco convincentes – no que, acreditamos, tratar-se apenas de uma limitação técnica da mídia no processo de interpretar e reconstruir o discurso médico-científico.

Observemos, a seguir, alguns exemplos.

Em *VEJA*, o presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica/Regional de São Paulo afirma que *"com o aumento da segurança anestésica, a melhora dos medicamentos e dos aparelhos e o crescimento do número de profissionais bem treinados, a cirurgia plástica virou uma prestação de serviços"*; tal afirmação é generalizada pelo jornalista autor da matéria, para quem *"para a maioria dos médicos, a realização de diversas cirurgias de correção estética é receitada e incentivada em ex-obesos e aceita mesmo em quem não vive os resultados de uma dieta radical"(grifo nosso)*. Isto é, diante de tantos progressos técnicos, qualquer um tem o direito de exigir e submeter-se a esta "prestação de serviço" médico.

Na matéria de *ISTO É*, um endocrinologista sustenta que não é verdadeira a tese de que comer mais no inverno tem explicação metabólica: *"acreditava-se que a fome aumenta no inverno porque o organismo precisa de mais nutrientes. Isso é mito. Não é necessário comer mais nesta estação"*. Tal informação médica, todavia, praticamente desaparece no decorrer da matéria, que reúne falas de nutricionistas, *chefs* de cozinha e administradores de academias de ginástica para demonstrar que, seja por questões emocionais, psicológicas, por preguiça ou por necessidade de prazer e aconchego, a realidade é que come-se (e engorda-se) mais no inverno, que é o mote para o desenvolvimento da matéria, centrada em receitas de dietas que substituem os pratos hipercalóricos e em programas especiais de atividades físicas de academias para a temporada de inverno.

O texto de *ÉPOCA* enfatiza, como vimos, os perigos da obesidade visceral. Apesar da boa qualidade jornalística, nem ela escapa dos riscos ao interpretar o discurso médico-científico, neste caso, fazendo-o ainda mais complexo. Ao reproduzir matéria de pesquisa científica, na qual se afirma que intervenções cirúrgicas do tipo superficial (lipoaspiração) não conseguem reduzir os fatores de risco da síndrome metabólica causada pela obesidade visceral, e que, portanto, *"o que regenera o organismo é melhorar a alimentação e sair do sedentarismo"*, a matéria prefere, ao contrário, demonstrar de que o enfrentamento preferencial é e se tornará cada vez mais no campo farmacológico, vez que a pesquisa tenta

compreender o mecanismo orgânico da síndrome metabólica para nele intervir quimicamente. Não há evidências para se estabelecer uma relação promíscua, mas não é difícil constatar a convergência de interesses comerciais da indústria farmacêutica com o conteúdo da matéria jornalística, prática, aliás, cada vez mais freqüente na mídia internacional, até mesmo em publicações científicas, como se tem denunciado.

Outra característica comum nas matérias, talvez a mais frequente e explícita, é que eixo condutor das narrativas lida o tempo todo com uma certa ambigüidade entre a saúde e a estética, mediada pela lógica simplista da subjetividade: a estética pode ser melhorada com a cirurgia plástica e/ou a atividade física e isso leva à satisfação pessoal, o que contribui para a saúde do paciente. Nesse sentido, tenta-se estabelecer uma relação direta entre estética e saúde, já que ter boas formas (no sentido estético) parece ser pré-requisito para quem quer ter a saúde em dia.

Esse embaralhamento entre os sentidos/significados das temáticas saúde/estética já foi apontado em diversos estudos em que as mensagens da mídia têm servido de objeto de investigação, pautando debates e publicações em diversas áreas como a Comunicação, a Antropologia, a Educação e a própria Educação Física .

Figueira (2004), por exemplo, percebeu isso como uma característica recorrente nos discursos elaborados pela revista *Capricho*. Conforme a autora, a revista:

ao mesmo tempo que fala às meninas sobre cremes da cútis e do cabelo, da roupa, dos acessórios como ingredientes de embelezamento, (a revista) fala também da necessidade de cultivar uma disciplina 'atlética' na medida em que o desejo seja o de construir e sustentar um corpo sarado. (...) A ênfase no estilo atlético evidencia que cada garota deve aprender a cuidar da sua saúde, se responsabilizar pelo seu embelezamento e pelo próprio bem-estar. Evidencia, sobretudo, a quase inexistência de fronteiras delimitadas a separar as representações sociais de um corpo considerado bonito da de um corpo considerado saudável. Ou seja, saúde e beleza são apresentadas quase como sinônimos. (FIGUEIRA, 2004, p. 131-132)

É o que se evidencia também na pesquisa de Dantas (2003) em que as idéias sobre as modificações corporais difundidas pela revista *Boa Forma* são estudadas. Gomes (1999), por sua vez, averiguando sobre modo como as informações sobre o corpo são comunicadas pela mídia televisiva, estudou as imagens do corpo no programa *Malhação*, novela adolescente da Rede Globo de Televisão. Além desses, podem ser citados estudos como o realizado por Chaves (2001), que faz uma análise do corpo em função do discurso publicitário; por Dickel; Borelli e Fausto Neto (2001), em que reflexões são feitas sobre a representação do corpo na televisão; por Andrade (2004), que estuda a relação da mídia impressa com a educação de corpos femininos.

Entretanto, apesar de envolver um assunto cuja abordagem tem sido bastante recorrente, conforme se pode notar, estes estudos têm se caracterizado por investigar revistas do gênero de entretenimento, diferentemente da presente análise exploratória que abordou o gênero jornalístico, como são as revistas em apreço – *Veja, Época e Isto É*..

A ambiguidade entre os conceitos de saúde e estética presente nas reportagens parece repercutir de forma direta entre a população, independente de sexo, conforme observaram Silva e Daolio (2003), em estudo no qual, entre os significados atribuídos às práticas corporais por freqüentadores do sexo masculino de um parque público na cidade de Campinas, fica clara a associação do corpo belo como sinônimo de um corpo saudável.

Do ponto de vista histórico, Castro (2003) aponta esse entrelaçamento entre saúde e estética como o resultado de como os termos foram sendo incorporados nas práticas cotidianas e passaram a compor o universo vocabular da sociedade. De acordo com a autora, as políticas de saúde pública na primeira metade do século XX foram responsáveis por difundir entre a população os sabões e sabonetes de higiene e limpeza, e os publicitários não tardaram a associar o apelo higienista ao estético. Assim, estrelas de cinema anunciavam, em comerciais de televisão, sabonetes, loções, cremes, batom, rouge, pó-de-arroz, ou seja,

produtos que possibilitavam a reparação de pequenos defeitos e a manutenção da higiene e, portanto, fundamentais para uma vida saudável: “vende-se a idéia de que o sabão deixa a pele mais limpa e, portanto, mais saudável, logo, mais bonita, armando-se a equação: limpeza/perfeição = saúde/beleza”. (CASTRO, 2003, p. 64).

Aqui também podemos observar a influência do discurso médico-científico que, ao preconizar a atenção á saúde, termina por sugerir que a estética poderia ser uma expressão do saudável:

No contexto de uma sociedade em que o lugar do médico é fundamental para a organização moral e social das famílias de elite, a falta de beleza, traduzida em termos de doença, merece o exame médico e o tratamento com remédios. Tendência que confirma a importância da medicina e dos remédios na vida cotidiana, mas, ao mesmo tempo, revela que o domínio da cosmetologia não possui ainda suas prescrições.” (SANT’ANA apud CASTRO, 2003, p. 65)

Esta ambiguidade parece ser a responsável também pelo fato de que a venda de cosméticos e de medicamentos ocorrem em um mesmo espaço físico, as farmácias, denominadas igualmente, não por acaso, de *drogarias e/ou perfumarias*.

Com estas críticas ao uso indiferenciado dos termos saúde e estética não se está desconhecendo as implicações da *psique no corpo somático*, nem negando que a satisfação subjetiva, por conta de uma auto-imagem positiva, constitui-se em elemento importante em um quadro de saúde, entendida numa perspectiva ampliada/abrangente, não reduzida ao biológico. Todavia, o que encontramos às vezes de forma explícita e, em outras, diluídas em frases ou palavras aparentemente descomprometidas, expressa uma linearidade que está longe de ser verdadeira. Como no exemplo: “*Os efeitos benéficos da cirurgia estética sobre a disposição de espírito são conhecidos na prática – e na teoria também*” afirma a matéria de VEJA, reforçada pelo depoimento de uma advogada submetida a dezenas de cirurgias nos últimos dez anos: “*Cada centavo foi bem empregado. Gastaria de novo o dobro, se necessário. Prefiro cicatriz à flacidez” (grifo nosso). Ou ainda pela declaração da médica que*

trocou a ginecologia pela medicina estética depois das várias cirurgias a que se submeteu: *"não fiz isso para os outros, nem buscando compensação para nada. Pensei na minha saúde, na minha auto-estima, na minha felicidade (grifos nossos).*

Além da combinação das palavras grifadas que parecem pavimentar o caminho que leva da transformação corporal à felicidade, passando pela auto-estima e saúde, chama a atenção o sentido de subjetividade e individualidade, de puro hedonismo, buscado nas intervenções sobre o corpo.

Por fim, cabe registrar que mesmo revistas consideradas "sérias" como as analisadas, cujas estratégias de venda não estão baseadas prioritariamente na exposição e venda avulsa em bancas, também não escapam do apelo barato e mal disfarçado à sensualidade nas fotos de capa e nas páginas internas das três publicações. Nelas, há um discreto erotismo, que se expressa pelas roupas sumárias com que são revelados os novos contornos corporais conquistados, o que é aparentemente justificável pela necessidade de serem mostrados os resultados decorrentes dos tratamentos e cuidados sugeridos.

A exposição de corpos invariavelmente jovens/rejuvenescidos e bonitos, principalmente femininos, parece ser o atestado de pessoas saudáveis e o passaporte para a felicidade a todos aqueles que se submeteram às recomendações do discurso midiático sobre saúde e estética. Além disso, celebridades produzidas pela indústria cultural comparecem nas matérias para confirmar, com depoimentos e, principalmente, como suas imagens públicas, as informações médico-científicas que são utilizadas para dar respeitabilidade às matérias.

Um detalhe comum a duas das três capas serve para tornar ainda mais curiosa essa observação: as fotos não mostram o rosto das pessoas cujos corpos são apresentados em trajes sumários, como se a identidade das pessoas estivesse sobretudo no corpo que ostenta formas perfeitas e, na lógica acima discutida, na saúde em dia. De acordo com Andrade (2004, p. 115-116) *"[é] como se a individualidade/identidade da pessoa na foto, que é marcada também no rosto, não tivesse importância nesse contexto. O que realmente faz*

*diferença ou tem significado são os contornos deste corpo que apresenta características que são indicadas e desejáveis a todos os corpos femininos".*

#### **IV. (ALGUMAS) CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Reconhecemos que o discurso sobre corpo, saúde e estética perpassa o cotidiano da Educação Física, tanto numa perspectiva científica quanto em saberes de senso comum. Isso se dá porque se, por um lado, há a apropriação, por parte da área acadêmica da Educação Física, de alguns elementos teórico-conceituais médico-científicos, por outro, ocorre também um certo barateamento do discurso profissional – em grande parte baseado discurso da mídia - que acaba orientando suas intervenções profissionais para o campo em que saúde e estética corporais aparecem como sinônimos.

Exemplo disso são as academias de ginástica que se utilizam desta ambiguidade para vender seus serviços, num duplo apelo: ao saudável e ao belo. Junto com preocupações referentes à saúde dos praticantes, como o controle da frequência cardíaca e medições da massa corporal, observa-se a profusão de espelhos nas paredes, que servem para o exame e controle permanente sobre as formas do próprio corpo (e o dos/as outros/as). Expressões que são comuns a profissionais e frequentadores de academias também refletem isso: é preciso "malhar" muito para obter melhor "definição muscular", como uma "barriga de tanquinho" e um "bumbum empinado" - se isso não for possível, têm sempre a possibilidade cirúrgica de implantar uma prótese salvadora ou retirar os excessos, tudo para trazer de volta a felicidade.

No âmbito escolar, a presença destes discursos também começa a ser percebida de forma mais intensa. Cada vez mais cedo, jovens se submetem a intervenções tecnológicas sobre o corpo, sejam elas do tipo invasivas, como cirurgias plásticas corretivas, ou não-invasivas, como tratamentos estéticos ou com uso de medicamentos como moderadores de apetite e/ou aceleradores da queima de gorduras. Além disso, a cultura da "malhação"

presente no discurso midiático e pautada na ambigüidade *beleza-saúde* desperta a atenção dos jovens e faz com que a disciplina Educação Física seja concebidas por eles como uma sucursal das acadêmicas – em alguns casos, especialmente de escolas privadas que terceirizam a Educação Física, de fato o é!

Assim, configurando o componente curricular como um meio de formação cultural emancipatória, compete ao professor de Educação Física, aproveitando o interesse e a curiosidade produzidos pelo tema, tratá-lo pedagogicamente como um conhecimento a ser pensando, refletido e reconstruído, visando o esclarecimento e a autonomia dos alunos em relação a questões sobre suas práticas corporais, saúde e estética.

Possibilidade concreta para isso seria a Educação Física escolar adotar os princípios da *educação para a mídia*, estratégia didática preconizada para a formação de receptores-sujeitos do processo de significação das mensagens midiáticas com as quais convive-se cotidianamente (SOUSA, 1995). Neste sentido, pode-se sugerir a tematização do discurso midiático sobre este e outros assuntos que povoam o imaginário social da juventude e que, sem elementos culturais de mediação, consolidam-se como senso comum nas representações sociais da sociedade contemporânea (GUARESCHI, 2000).

### **Referências:**

ANDRADE, S. dos S. Mídia impressa e a educação de corpos femininos. In: GUACIARA, L.L, NACKEL, J.F.; GOELLNER, S. (Orgs). *Gênero, corpo e sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2004, p.108-123.

CASTRO, Ana Lúcia. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilo de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2003.

CHAVES, S. F. Corpo, propaganda e imaginário social. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 12. *Anais...* Caxambu: CBCE, 2001.

DANTAS, E. R. O corpo modificado, os discursos da mídia e a educação mutlirreferencial. Congresso de Ciências do Esporte,13, *Anais...* Caxambu: CBCE, 2003. (CD-ROM)



DICKEL, D. B.; BORELLI, V.; FAUSTO NETO, A. Algumas reflexões teóricas sobre a representação do corpo. *Revista Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*. Santa Maria: UFSM, vol. 6, número 7, p. 12- 22, 2001.

FIGUEIRA, M.L.M. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: GUACIARA, L. L, NACKEL, J.F.; GOELLNER, S. (orgs). *Gênero, corpo e sexualidade*. Petrópolis, Vozes, 2004, p.108-123.

GONÇALVES, Aguinaldo (org.) *et al. Saúde coletiva e urgência em Educação Física e Esportes*. Campinas: Papirus, 1997.

GUARESCHI, P. et al. *Os construtores de informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

MÓL, Mellyssa da Costa; PIRES, Giovani De Lorenzi. Corpo, saúde e estética no discurso de revistas semanais brasileiras. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 14, *Anais...* Porto Alegre: CBCE, 2005.

RONDELI, Elisabeth. Mídia e saúde: discursos que se entrelaçam. In: PITTA, Áurea Rocha (org.). *Saúde e comunicação: visibilidades e silêncios*. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1995.

SILVA, C. L. da; DAOLIO, J. As práticas corporais na mídia: os significados da musculação para freqüentadores de um parque público. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, *Anais...* Caxambu: CBCE, 2003. (CD-ROM).

SOUSA, Mauro Wilton. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: \_\_\_\_ (org.). *Sujeito: o lado oculto do receptor*. São Paulo: ECA/USP, Brasiliense, 1995.